

CATALINÓN No se las podrás pelar;
Que en barbas muy fuerte medra.

D. JUAN (*Dirigiendose á la estatua*)
Aquesta noche a cenar
Os aguardo en mi posada;
Alli el desafio haremos,
Si la venganza os agrada;
Aunque mal reñir podremos
Si es de piedra vuestra espada.

.

As scenas seguintes passam-se durante a ceia de D. Juan Tenorio. A estátua do Comendador chega para assistir à ceia, consoante o convite.

D. JUAN ¿Quien va?

D. GONZALO Yo soy.

D. JUAN ¿Quien sois vos?

D. GONZALO Soy el caballero honrado
Que á cenar has convidado.

D. JUAN Cena habrá para los dos.
Y se vienen mas contigo,
Para todos cena habrá.
Y puesta la mesa está.
Sientate.

.

D. GONZALO (*Hablando paso como cosa del otro mundo*).
¿Cumplirásme una palabra
Como caballero?

D. JUAN Honra
Tengo, y las palabras cumplo,
Porque caballero soy.

.

D. GONZALO Mañana a las diez te estoy
Para cenar aguardando.
¿Irás?

D. JUAN ¿Donde he de ir?

D. GONZALO Á mi capilla.

D. Juan, em cumprimento da sua palavra, vai cear com o Comendador. No fim desta scena D. Juan morre tocando na mão de D. Gonzalo.

Tirso de Molina reuniu neste drama dois temas diferentes: a lenda muito espalhada dum morto que, irreverentemente convidado para um festim, a êle comparece e se vingá; e uma lenda referente a Sevilha que fixa já os nomes de D. Juan Tenorio e D. Gonzalo de Ulloa. O que prova que já em Sevilha se encontrava a história dum sedutor castigado severamente pelos seus crimes, é o drama do sevilhano Juan de la Cueva que, no século XVI escreveu um drama "El Infamador", cujo herói Leucino apresenta uma grande semelhança com o D. Juan de Tirso de Molina (1).

É da primeira lenda que nos vamos ocupar, e que, como dissemos, está largamente difundida pela Europa, encontrando-se até em Portugal tanto em contos como em romances populares. A origem dessa lenda tem sido muito estudada.

(1) D. Ramon Menéndez Pidal — "El Convidado da Piedra", in "Estudios Literarios", Atena, S. E. pag. 136, e Van Gennep — "La Formation des Légendes", Flam. 1910, pag. 224.

O trabalho mais recente é o belo estudo de Menéndez Pidal—“Sobre las origenes de El Convidado de Piedra”, publicado na “Cultura Española”, (Madrid, Maio de 1906) e reünido, depois de acrescentado com vários complementos, com outros estudos, em volume sob o título de “Estudios Literarios”.

Quinze anos antes do aparecimento de “El Burlador”, em 1615, representaram os colegiais de Ingolstadt uma peça que é uma variante desta lenda.

Um conde Leoncio, pervertido por as doutrinas de Maquiavel e que não crê na vida eterna, ao passar por um cemitério encontra uma caveira. Por brincadeira, dá-lhe um pontapé, dizendo-lhe: se depois de morto ainda comprehendes o que digo, vem à minha ceia com os outros convidados. Ao sentar-se para cear Leoncio com os seus amigos, apresenta-se à porta um *monstro ossudo* que, após vãs tentativas de repulsa por parte dos convivas, se senta à mesa, assegurando ser também um convidado. Entre o espanto de todos, o esquelecto diz que é avô do conde Leoncio, que vem mostrar ao seu neto a imortalidade da alma, e leva-o consigo (1).

Tem-se pretendido que esta peça fôsse o protótipo da de Tirso; com razão, porém, objecta Pidal que em Espanha existe muito arreigada a tradição do convite ao morto, não necessitando Tirso de Molina ir buscá-la a outros países. Não

(1) Menéndez Pidal, ob. cit. pag. 107.

só, afirma Menéndez Pidal, há contos portugueses, mas também galegos e castelhanos, e não só há contos, como nos outros países, mas ainda romances.

Há dois grupos de tradições que Menéndez Pidal julga independentes: Num o convite é feito a uma caveira, noutra a uma estátua. Exemplos duma tradição do primeiro grupo:

Pa misa diba un galán,
Caminito de la iglesia;
.
En el medio del camino
Encontró una calavera;
mirárala muy mirada,
y un gran puntapié le diera:
arregañaba los dientes
como si ella se riera.
— "Calavera, yo te brindo
esta noche a la mi fiesta."
— "No hagas burla, caballero;
mi palabra doy por prenda."
El galán, todo aturdido
para casa se volviera;
todo el día anduvo triste,
hasta que la noche llega.
De que la noche llegó,
mandó disponer la cena.
Aun no comiera un bocado,
Quando pican a la puerta;
manda un page de los suyos
que saliese a ver quien era.
— "Dile, criado, a tu amo

que si del dicho se acuerda..

—“Dile que si, mi criado,

que entre pa' cá norabuena (1).” etc.

Esta versão apresenta o facto importante de aludir a um *galán*, o que nos aproxima do tipo de D. João. Ainda ao mesmo grupo pertence a versão portuguesa dada pelo Dr. Teófilo Braga, se bem que o convite seja feito não a uma caveira, mas a uma *mirra* (esqueleto, segundo a interpretação do erudito professor, que em breve comentaremos). Como êste conto se encontra em vários livros do Dr. Teófilo Braga, apenas daremos uns curtos excertos: “Um rapaz muito folgazão quiz dar uma grande festa no dia dos seus anos; foi por casa de todos os seus amigos a convidá-los para irem jantar e cear com êle. Quando voltou para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemitério, e depois de o convidar também ficou a conversar muito satisfeito. Estando nisto deu com os olhos em uma mirra (esquelêto) ainda revestida de alguma carne, e que estava pegada a uma parede; disse-lhe mo-fando:

“—Se queres vai também ao banquete dos meus anos . . .

A mirra respondeu:

“—Lá irei.

(1) Versão colhida na província de Leão, por D. Juan Menendez Pidal, publicada pela primeira vez na Antologia de Líricos de Menéndez Pelayo, X, 1900. Apareceu anteriormente um resumo em prosa.

“A noite correu no meio de danças, até que os convidados foram para a mesa. Ao soar a primeira badalada da meia noite, bateram à porta. A mirra entrou vagarosamente; o rapaz que fôra abrir a porta recuou espavorido. A mirra dirigiu-se para a mesa e sentou-se no lugar que estava desocupado. Comeu, comeu, e depois levantou-se dizendo para o mancebo: “Pois bem, já que me fizeste o favor de me convidar para o teu banquete de anos, também aqui te convidado para amanhã a esta mesma hora ires cear comigo”. O rapaz salvou-se por aparecer à mirra coberto com a capa com que um padre dizia missa (1). Esta versão foi recolhida no Algarve pelo falecido escritor Reis Dámaso, que a comunicou ao Dr. Teófilo Braga. No entanto o ilustre historiador da literatura portuguesa declara que a ouviu também no comêço da sua formatura (1862) a um estudante de Guimarães, o que prova a sua grande difusão em Portugal.

O outro grupo, mais interessante para as origens de D. Juan, porque já se trata duma estátua como no drama de Tirso, e que até há pouco era desconhecido, tem como principal representante um romance popular que Menéndez Pidal recolheu em Setembro de 1005, em Riaza. É um documento da mais alta importância, do qual vamos dar alguns excertos.

(1) Dr. Teófilo Braga “As Lendas Cristãs”, 1894, pág. 73, Contos Tradicionais do Povo Português, vol. 1 pág. 213 ed. de 1914 etc.

Un día muy señalado
fué um Caballero a la iglesia,
y se vino a arrodillar
junto a un difunto de piedra.
Tirandole de la barba,
estas palabras dijera;
«Oh, buen viejo venerable,
¿quién algun día os dijera
que con estas mismas manos (1)
tentara a tu barba mengua!
Para la noche que viene
yo te convidó a una cena».

.....
Va el Caballero a su casa
sin que nada discorriera
de lo que pudo ocurrir
con aquella grande ofensa,
A eso del anochecer,
llama el difunto á la puerta,
Preguntan: a ¿Quién es quien llama?

.....
anda page, y dile a tu amo
dile que si no se acuerda
del convidado que tiene
para esta noche a la cena.

.....
«Cena si quieres cenar
que ya está la cena puesta».
«Yo no vengo por cenar;
vengo por ver cómo cenas;

(1) Restituição conjectural.

vengo por ver si cumplias
la palabra que tiés puésta.
Para la noche que viene
yo te convido a otra cena (1).

O cavaleiro foi ao encontro da estátua, depois de se ter confessado e munido dum escapulário, e salvou-se. Reconhece-se aqui a influência cristã, bem como no conto da mirra, no qual a capa do padre opera a salvação.

Este romance não é único. Existem várias versões em Ríza e Revilla. Que os romances dos dois grupos teem um evidente parentesco, não há sombra de dúvida. Se substituirmos a caveira, etc. por estátua, a semelhança é flagrante, até nas próprias expressões. Serão tradições independentes que mutuamente se contaminaram?

E ainda — Qual a origem desta tradição ou tradições? Eis pròpriamente o objecto dèste estudo.



No "Banquete dos sete sábios", de Plutarco, encontra-se uma informação interessantíssima a propósito dum singular costume dos egípcios. "O esqueleto dos Egípcios, que êles teem o intelligente costume de colocar na sala do festim, com o fim de forçar os assistentes a lembrarem-se de que em breve serão como êle, aparece ali como um conviva assás *desagradável e intempestivo*,

(1) Menéndez Pidal, ob. cit. pág. 121.

mas enfim, a sua presença explica-se. Se não excita a beber e a gozar, sugere pelo menos que se estimem uns aos outros e exorta a que não se alongue com penosas discórdias uma existência cuja duração é já de si tão curta» (1).

Temos, pois, um festim a que assiste um esqueleto. Plutarco já qualifica a sua presença de intempestiva e desagradável. A causa da comparação do esqueleto, diz o moralista de Queronea, é apagar discórdias recordando a brevidade da vida.

Tudo leva a crêr que o verdadeiro motivo não é êsse, como veremos, embora Heródoto alegue razão análoga. Desta vez, nesta versão mais antiga do Pai da História, não se trata dum esqueleto mas duma estátua. «Nos festins que dão os ricos, passeia-se à volta da sala, depois da refeição, um caixão com uma figura de madeira tão trabalhada e tão bem pintada que representa perfeitamente um morto. Só tem um côvado ou dois, quando muito. Mostram-na a cada um dos convivas por sua vez, dizendo-lhe: — Deita os olhos para êste homem, assemelhar-te-hás a êle depois da tua morte. Por isso, bebe agora e diverte-te (2)».

Há divergências, pois, nas duas narrativas, que se podem explicar por êsse uso ter variado do tempo de Heródoto para o de Plutarco, ou mesmo pela simultaneidade dêsses usos. Como quer que seja, o Egipto fornece-nos uma base

(1) Plutarco — «Obras Morais», B. dos sete sábios, 2.º,

(2) Heródoto, II, 78.

para lendas em que um banquete seja perturbado desagradável e intempestivamente por um esqueleto ou pelo simulacro ou estátua dum morto, e na Europa aparecem, com efeito, dois grupos de lendas, com indiscutível parentesco, cuja base é a desagradável presença numa ceia ou num festim dum esqueleto ou duma estátua. A's vezes a lenda não precisa. Ao Conde Leoncio aparece um monstro *ossudo*, numa versão portuguesa é uma mirra, ainda revestida dalguma carne. E este mesmo termo de *mirra* sugere uma origem egípcia da lenda. O verbo *mirrar* deriva sem dúvida de *mirra*. É a etimologia que primeiro ocorre, e assim alguns dicionaristas a deram, por ex. Faria (1), que diz:— "Mirrar, de (myrrha, etc., definhar, tornar sêco como as múmias, etc." O Dr. Cândido de Figueiredo não dá a etimologia da palavra no seu dicionário (2), talvez porque para S. Ex.^a essa etimologia ofereça dúvidas. A semelhança, porém, de *mirrar* com mumificar, e o facto de que a mirra era um dos ingredientes de que os egípcios se serviam para a mumificação ("depois encham o ventre com mirra, canela e outros perfumes") (3) leva-nos à proporção: *mirra* está para *mirrar* na mesma relação de *bálsamo* para embalsamar. Se estas considerações são justas, o substantivo *mirra* derivado por sua vez do verbo *mirrar* seria sinóni-

(1) Eduardo de Faria— "Novo Dicionario da Lingua Portuguesa", s. v. mirrar.

(2) Referimo-nos à 2.^a, única que possuímos.

(3) Heródoto, II, 86.

mo de múmia e, portanto, um vestígio da origem egípcia da lenda, pois que no Egito o caixão da múmia, adaptando-se exactamente aos contornos desta desde o novo império tebano, (1500 A. C.) tomou a forma "antropoide", (1) e assim passou também a ser um simulacro do morto e a confundir-se com a própria múmia. A difusão das interpretações deste costume do norte da África pelos mouros explicaria a grande expansão da lenda na península ibérica, e este dado tão saliente da múmia no Algarve. Sabe-se que formidáveis agentes de transmissão de lendas foram os árabes.

Que a lenda sofreu fortes modificações pelo facto de ser adoptada pelos povos cristãos, é evidente, como mostramos, e assim se explicariam vários pormenores.

Os dados do convite e da vingança pareceriam espontaneamente, desde que os motivos alegados pelos egípcios da presença do esqueleto, etc., fôsem esquecidos ou incompreendidos.

Não seria impossível, se bem que improvável, a interferência do *lectisternium* romano, no qual as estátuas dos deuses eram convidadas a assistir aos banquetes, e a que Magnin (2) deu, a nosso vêr, exagerada importância. Antes, porém, de assentarmos conclusões, vejamos se a explicação dada pelos egípcios, segundo os autores gregos, é a verdadeira.

(1) A. Moret - *Au Temps des Pharaons*, 1908, pag. 202.

(2) Magnin *Les Origines du Théâtre Antigue et du Théâtre Moderne*, pag. 252.



É bem conhecida a influência que os mortos tiveram nas primitivas sociedades. Já a pré-história nos fornece abundantes documentos do culto pelos mortos, do cuidado com as sepulturas, etc. (1). Filósofos e etnógrafos como Spencer, Tylor, historiadores como Fustel de Coulanges, etc., querem vêr no culto pelos mortos a origem das religiões

Base bem frágil, na verdade, se como Spencer e Tylor se toma como origem da crença na sobrevivência, da alma o sonho; base certamente séria se se admite que essa crença veio directamente do conspecto dos fenómenos metapsíquicos (seja qual fôr a origem que se lhes atribua), que hoje estão, segundo o nosso modo de vêr, suficientemente demonstrados (2).

A crença, pois, na sobrevivência, criando teorias mais ou menos extravagantes, levando à atenção pelos mortos, ao seu socorro e à sua propiciação, veio dar origem a diversíssimas práticas — banquetes fúnebres, oferendas, etc. Vejamos pela comparação com outros povos, alguns dos quais ainda existentes, como êsses ritos le-

(1) Th. Mainage — *Les Religions de la Préhistoire*, 1921, passim; Jacques de Morgan — *L'Humanité Préhistorique*, 1921, 3.ª parte, cap. II, etc.

(2) A literatura do assunto é vastíssima. O último livro de Charles Richet — *Traité de Métapsychie* Paris, 1922 — resume lúcida e completamente todos os trabalhos sérios até à data.

varam os egípcios ao sinistro conviva dos seus banquetes.

Em Santa Cruz, nas ilhas Salomão, o cadáver é enterrado numa profundíssima cova, em casa. A caveira é separada e guardada num cesto, e dizem que é o próprio homem. Põem sempre comida deante da caveira, sem dúvida para uso do espírito (1).

Os sarcófagos etruscos continham as cinzas, mas eram cobertos com uma tampa que geralmente representava o morto, reclinado, como se estivesse num banquete, com uma taça na mão (2).

"Que a presença do espírito do morto é desejada, benvinda e *convidada* por muitos povos, vê-se pelas festas dadas em sua honra, não só antes do funeral mas ainda depois, em certos intervalos.

Assim, no terceiro, sexto, nono e décimo quarto dias depois do entêrro, os velhos Prussianos e Lituanos costumavam preparar uma refeição para a qual, indo para a porta, *convidavam* a alma do morto . . ." (3) Festas semelhantes existiam em diversos povos: romanos (*Parentalia* ou *Feralia*) persas, búlgaros, russos, irlandeses, etc., e mesmo fora do grupo indo-europeu, como vimos por alguns exemplos entre os inumeráveis que pode-

(1) Frazer - *The Belief in Immortality* - Londres, 1913, pag. 352.

(2) Grant Allen - *The Evolution of the Idea of God* Londres, 1897, pág. 81.

(3) Bastian *Der Mensch*, 11, 336 e Frank Bryon Jevons - *An Introduction to the History of Religion*, London, 1896.

ríamos recolher. Entre os indígenas da América as cerimónias fúnebres terminam freqüentemente por um banquete, no qual se reserva o lugar do defunto (1).

No Egipto chegava-se mesmo a particularidades curiosas, como a de abrir a bôca à múmia para lhe darem alimento. Diz Söderblom: Tão longe quanto se possa recuar, encontra-se o costume de dar de comer aos mortos... No Egipto abria-se a bôca da múmia para que ela pudesse comer... (2).

Eis a ordem de idéas que levou os egípcios a collocarem em certos dos seus banquetes um morto: era uma sobrevivência dos banquetes fúnebres, que já sabemos a expausão que tiveram. A obliteração das primitivas razões de tal prática, levou-os a essa fútil razão que nos dão Heródoto e Plutarco. Êstes casos de substituições de causas para um costume antigo cuja verdadeira causa se perdeu, é freqüentíssima, e sob êsse ponto de vista é curioso lerem-se as *Questões Gregas e Romanas* de Plutarco, p. ex., ou os *Fastos* do malogrado Ovídio.

(1) R. Hertz, *Année social*, t. X, p. 113, citado por René Dussaud - *Introduction à l'Histoire des Religions*, Paris, 1914, pag. 223.

(2) Nathan Söderblom - *La Vie Future d'après le Mazdéisme*, Paris, 1901, pag. 18.